

DEPOIMENTO: DAMÁRIO DACRUZ

“ARTISTAS SÃO PESSOAS QUE SE REBELARAM CONTRA A PROIBIÇÃO DO BRINCAR”

O poeta, jornalista e fotógrafo baiano Damário Matos da Cruz (posteriormente autodenominado Damário Dacruz) nasceu a 27 de julho de 1953 na cidade do Salvador, onde faleceu em 21 de maio de 2010, mas foi enterrado no Cemitério D’Ajuda em Cachoeira, cidade que adotou e que lhe deu o título de cidadão em 2005.

Apesar do desejo de seu pai de que fosse comerciante e depois engenheiro, Dam, como era chamado pela família, trilhou outros caminhos, o da comunicação e da arte, encontrando na literatura e na fotografia seus meios de expressão. Damário era graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, pós-graduado em Comunicação e Mercado pela Universidade Salvador - Unifacs, e em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. Atuava na Assessoria Geral de Comunicação do Estado da Bahia (Agecom).

A opção de Damário por arte e comunicação está diretamente ligada à sua infância. De um lado, as pressões de seu pai para que mantivesse as tradições da família nos negócios; do outro, a atitude da mãe de colocá-lo em contato com A Hora da Criança (Salvador), um projeto educacional de integração artística do teatrólogo, jornalista e escritor Adroaldo Ribeiro Costa (1917-1984), diretor de um programa de rádio ao longo de 35 anos.

Adolescente, Damário Dacruz começou a frequentar a cidade histórica de Cachoeira, até que comprou um sobrado na Praça da Aclamação, o qual reformou. Aí fundou, em 2001, o Pouso da Palavra, um espaço dedicado à poesia e às artes visuais, misto de café literário e bar-galeria, enfim, um local onde os artistas e intelectuais se encontram para recitais, ouvir música e conversar. O Pouso da Palavra contribuiu para dinamizar as artes em Cachoeira nos últimos dez anos, além de ser referência para os visitantes.

Entre os diversos livros publicados por Damário, ele ressaltava: *Todo risco, o ofício da paixão* (1993); *Segredos da Pipa* (prêmio Banco Capital 2003); e *Re(sumo)* (2008), coletânea de poemas anteriormente publicados em outros livros ou sob a forma de cartaz.

Em seus poemas, Damário enfoca o tempo e a efemeridade da vida, dos sentimentos e das coisas, as noções de local e global, sem esconder a dura realidade. Outras ideias que emergem na sua poesia são a liberdade e o sonho.

Damário Dacruz introduziu o conceito de poema-cartaz, obtendo sucesso com *Todo Risco* e outros poemas-cartaz expostos e vendidos no Pouso da Palavra, que também estão impressos em camisas, o que permite divulgá-los. Em seus poemas-cartaz soube unir poesia e fotografia. Como fotógrafo, seu maior interesse foi a figura humana, gente de diversos lugares por onde passou e onde viveu.

Em suas práticas para divulgar sua poesia, Damário conseguiu aliar arte e mercado sem vulgarizar seu trabalho. Antes de tudo, Damário foi um poeta e não sacrificou a arte para se inserir no mercado de arte, foi sim um produtor independente. Um forte meio de divulgação de seus poemas é a Internet, tanto o *site* Jornal de Poesia quanto diversos *blogs* de poetas e não poetas sensíveis à causa.

Este depoimento foi realizado com base em questões passadas para Damário no início do mês de janeiro de 2010 e que lhe serviram de roteiro (ver após o texto). A gravação aconteceu numa manhã de sábado no Pouso da Palavra, com interferências do vento, de visitantes e a necessidade de fazer pausas.

Damário Dacruz sintetizou neste depoimento a visão que tinha de sua trajetória artística. Algumas informações poderão contribuir como fonte para pesquisadores que venham a debruçar-se sobre o estudo de sua vida e de sua obra.

A importância deste material não se resume a seu conteúdo, está, sobretudo, na forma como o poeta se expressa, oscilando entre explicações, interpretações e poesia, que vão e vêm ao longo da sua narrativa. Por ter havido pouquíssimas intervenções, foram criados, durante a organização deste texto, subtítulos que pontuam a fala de Damário Dacruz.

O DEPOIMENTO

Damário Dacruz, o poeta

Eu sou Damário Dacruz, poeta. Tudo o mais que eu fiz na vida, jornalismo, publicidade, engenharia de telecomunicações, caixeiro de armazém, revisor de jornais, jornalista, tudo isso que eu fiz na vida foi um mero pretexto. Eu sou apenas poeta e não sei quando eu comecei a ser poeta, não tenho a menor ideia disso. Ninguém sabe

quando começa a ser poeta. Eu posso dizer quando comecei a ter a consciência da escrita poética. Ai é outra coisa. Isso foi entre 14 e 15 anos, na cidade onde eu nasci. Eu sou soteropolitano, nasci num lugar maravilhoso, chamado Rua dos Capitães, no bairro antigo de Santo Antônio Além do Carmo. E nasci diante do mar, nasci observando e entendendo toda aquela Baía de Todos os Santos.

E, um dia, resolvi trocar o mar pelo Rio Paraguaçu. E até me perguntaram por que eu troquei o mar pelo rio, e só tive na hora uma resposta: eu acho o mar tão exagerado!

Eu gosto muito do rio; os rios, eles não aprendem a voltar; eles só vão para frente, para frente... E alimentam sempre o sonho e a ilusão de que, em determinado momento, eles, os rios vão adoçar esse exagerar do mar. Não vão adoçar nunca, mas é exatamente essa vontade de adoçar, essa busca de adoçar que é o melhor da festa. O melhor da festa não é ser famoso, não é ser reconhecido, o melhor da festa é criar.

Se não é criando – eu sou meio freudiano nesse aspecto –, se eu consigo criar arte hoje em dia, é porque eu me rebelei, me rebelei contra algo que as pessoas fazem quando os meninos crescem. Quando os meninos crescem, eles são proibidos de brincar de bola e de algumas brincadeiras mais específicas de 12, 13 anos. E, por terem sido proibidos, alguns meninos se rebelam, se tornando poetas, músicos, artistas, para continuar fazendo o quê? Brincadeira.

Na minha visão, eu acho que os artistas são pessoas que se rebelaram contra a proibição do brincar. Para mim, o homem que não brinca é um homem perdido, e eu prefiro, e acho que acertei em ter vivido uma vida, claro que com seriedade, mas, acima de tudo, entendendo a vida como uma grande brincadeira.

A Hora da Criança e o papel da Comunicação

Eu nasci nos anos 50 e a primeira sorte minha foi minha mãe, aos 5 anos, me colocar na Hora da Criança, de Adroaldo Ribeiro Costa. Foi o grande lance. Esse foi o grande lance! Com Adroaldo, em menos de uma semana, eu aprendi que não podia baixar a cabeça, que não devia baixar a cabeça, que era uma irresponsabilidade minha baixar a cabeça, que era uma covardia minha baixar a cabeça, que era uma não nobreza baixar a cabeça. E me ensinou sempre a andar com a cabeça erguida, buscando na arte, na cultura e na comunicação, as formas de libertação. E depois, como comunicador, eu descobri qual o grande papel da comunicação. Então, o grande lance da minha vida

inicial foi minha mãe ter me colocado na Hora da Criança, porque lá eu aprendi a brincar de diversas formas e a não aceitar, anos depois, a proibição de não continuar brincando.

Devo muito a esse período, por isso eu acho que é fundamental, imprescindível, que todas as crianças, dos 3 aos 7 anos, tenham imenso contato com a arte, com a cultura mais ampla, porque é aí que elas se libertam, é aí que elas não se tornarão pessoas submissas. Não significa que eu vou ser uma pessoa radical, não, ao contrário, significa que eu vou me tornar uma pessoa mais tolerante, porque eu vou entender mais facilmente o outro, ou o erro que eu acho que o outro tem. E vou compreender mais rapidamente se eu tiver essa visão da arte, da vida e da cultura como libertação.

A plenitude do poeta

É impossível falar do currículo de um poeta. Poeta não tem currículo. Eu diria até que artista nenhum tem currículo. Os poetas, os artistas não têm currículo, têm destino. Essa é a minha visão. Então, como é que eu posso sintetizar quarenta anos de experiência na poesia, na fotografia, na comunicação, no viver, no bem viver. Talvez se fizessem para mim a pergunta clássica, que de vez em quando fazem: “se você tivesse 25 anos, 30 anos, o que você faria diferente?” Eu diria, claramente: eu amaria menos, eu dormiria mais, eu viajaria menos, eu leria menos. Eu exagerei... Eu não tenho nada para me arrepender, eu fiz tudo, tudo que eu queria fazer e acho que exagerei. Por que eu precisava amar tanto, ter tantas experiências em nível de amor? Para que tantas? Menos um pouquinho. Eu responderia inteiramente diferente do que todo mundo responde. Eu tomei todos os sorvetes da vida, vi todos os rios e todos os mares que pude olhar, todas as montanhas. A minha grande coleção é essa. Eu coleciono ventos, tempestades, neves, montanhas, olhares, dores, amores, ex-amores. Essa é a minha coleção, é ela que me sustenta.

A minha infância foi extraordinária na Hora da Criança e no bairro antigo chamado Santo Antônio Além do Carmo, que parecia com uma cidade de interior e nos dava toda uma garantia de segurança e nos dava amigos por tudo quanto é esquina. Mas, logo após os 9 anos de idade, meu pai me chamou e disse que, a partir do dia seguinte, era um turno na escola e um turno no balcão do armazém, que eu teria que trabalhar a partir dos 9 anos, porque essa era a tradição da nossa família; os mais velhos tinham que aprender a fazer os negócios da família, para se tornar possivelmente um futuro patrão.

Como nasceu o multiprofissional Damário Dacruz

Então, aos 9 anos, eu comecei a trabalhar no balcão do meu pai, e aí a relação com o meu pai era uma relação exatamente de patrão-empregado. Eu achei que todos nós éramos escravos do meu pai. Eu comecei a trabalhar estudando. Fui obrigado, por exemplo, a fazer, ao mesmo tempo, várias coisas. Eu estou colocando, assim, alguns detalhes porque são fundamentais na formação de um ser. Eu era obrigado a estar num balcão, atendendo um cliente, despachando um cliente, cobrando o valor devido pelo cliente, enrolando as coisas e estudando. Então eu passei anos de minha vida fazendo quatro, cinco coisas ao mesmo tempo. Isso foi péssimo na minha formação!

Se o armazém me deu uma outra visão de vida – me deu uma grande experiência em comunicação e *marketing* –, por outro lado, também o armazém fez com que eu não centrasse as coisas, não focasse nas coisas, fez com que fosse um multimídia, como me chamam hoje. Não foi por acaso que eu fiz publicidade, jornalismo, que eu faço fotografia, poesia, e sou empresário ao mesmo tempo. Atualmente, eu sou oito homens, oito identidades. Eu sou oito atividades dentro de um homem só. Como é possível, eu não sei. E cada atividade tem cinco ou seis atividades. Por exemplo, como poeta, eu deveria apenas escrever, *ok?* Mas, não, eu pesquiso, eu crio, eu imagino o produto de divulgação, eu divulgo e arrecado. Sou quatro ou cinco pessoas. Eu devia ter alguém cuidando da parte gráfica, cuidando da parte de distribuição nas livrarias e eu faço todas essas etapas.

Produção cultural e artística

As pessoas querem ser produtores culturais só de *axé music*. Elas não percebem que outras coisas podem dar muito dinheiro. E aí também tem o preconceito: “eu sou produtor cultural de Daniela Mercury; produtor cultural de Ivete Sangalo, Tatau.” Esse preconceito, por exemplo, tem estudantes de Comunicação [...] que trabalham com produção cultural. Por que eles não trabalham com licores de Cachoeira, criando festivais, situações argumentais sobre o licor de Cachoeira?

Eu fico impressionado. Por exemplo, os livreiros dizem que poesia não vende, os editores dizem que poesia não vende. Você já viu algum cartaz, algum *banner* de poeta em livraria?

[...] Então, quer que venda como? A minha poesia vende toda. Aqui em Cachoeira, aqui em minha casa, sem oferecer, só expondo, ela vende toda. Quem comprou essa casa foi tudo isso.

Sobre arte e genialidade

Gênio? Não considero vários músicos brasileiros como gênios, são virtuosos. Por exemplo, Chico Buarque nasceu no berço literário, nasceu no berço de ouro. Então, como é que pode? Como posso dizer que Chico Buarque é gênio se ele teve tantas oportunidades e só precisa exercer uma atividade? Como Caetano. Eu acho que gênio, para mim, é Batatinha, que trabalhava 18 horas por dia e ainda chegava em casa e tinha de fazer um samba como *Toalha da Saudade*. Esse é que é gênio, mas Caetano? Caetano é maravilhoso, eu adoro Caetano, acho um grande poeta, mas muito longe de ser gênio.

A síntese de uma trajetória

Vamos sintetizar um pouco essa ideia do cidadão, do poeta e do profissional Damário Dacruz. Primeiro, fui educado para fazer multicoisas ao mesmo tempo. Esse é um dado importante. Segundo, nenhum apoio de meu pai às minhas atividades de arte e de cultura. Três, rejeição total de meu pai a eu ter escolhido jornalismo em vez de fazer engenharia. Quatro, expulsão de casa por meu pai porque eu não fui ser engenheiro. Quinto, obrigado a trabalhar em uma atividade de engenharia para ganhar dinheiro e sobreviver sozinho, abandonando a decisão precisa e necessária, naquele momento, de que eu deveria cuidar só da minha poesia e fotografia. Não tive a mesma oportunidade de Gil e de Caetano ou não tive a mesma coragem. Então, eu trabalhei durante muitos anos numa área diferente da minha área de projeção cultural e artística.

Cachoeira, amor à primeira vista

Descobri Cachoeira aos 15 anos, uma pequena e rápida fuga para o Recôncavo baiano. Esta é uma história engraçadíssima, foi amor à primeira vista. De lá para cá, de vez em quando, eu pegava um ônibus e circulava por Cachoeira e São Félix. Alguma namorada trazia para cá, para dormir. Até que, após a grande e última enchente que

Cachoeira teve nos anos 90, me parece, eu passei por Cachoeira e ela estava tão triste, mas tão triste! E aí eu falei com um amigo meu chamado Raimundo Cerqueira que eu queria comprar uma casa, um sobrado em Cachoeira, e começamos a procurar e conseguimos achar essa casa, que é esse sobrado hoje em dia. Contra tudo e contra todos, eu comprei o sobrado, porque as pessoas tinham ódio de Cachoeira, as pessoas não queriam saber de Cachoeira nem a pau, lá em Salvador. Viravam os corpos para Cachoeira. Achavam que ela já estava morta, necrosada.

Eu, contra tudo e contra todos, resolvi comprar o sobrado, restaurar o sobrado. Tudo isso foi feito sem nenhum engenheiro, nenhum arquiteto, nenhum decorador, nenhum apoio de governo, nenhum apoio de empresa. Tudo isso foi feito apenas por mim. E nove anos durou essa restauração; primeiro, porque eu restaurei em cima e, só depois de três anos, eu restaurei embaixo. Minha ex-mulher queria fazer da parte de baixo uma área de lazer para receber os amigos, barzinho, piscina térmica, uma série de coisas.

Aí, ela foi embora e eu criei o Pouso da Palavra, um espaço de arte e cultura; o Pouso da Palavra, um espaço onde eu ia abrigar a minha fotografia e a minha poesia com a obra de arte de outros artistas. Então, o Pouso foi mais uma afronta. Eu me lembro que as pessoas chegavam para mim e diziam: “Damário, você não vai resistir um ano, o Pouso vai morrer em menos de um ano, não há mercado para isso aqui em Cachoeira.” E o Pouso vai fazer agora, aqui em Cachoeira, dez anos.

“As lições do Pouso”

O Pouso é um exemplo claro daquilo que os executivos tanto falam e pouco fazem na verdade. Os executivos políticos, os executivos que eu conheço, a maioria, são muito mais de falar do que de agir. Eles falam demais, e como sabem falar! Mas não agem. Então falam o tempo inteiro sobre autossustentabilidade e não mostram como chegar a isso, e não executam projetos para chegar a isso. O Pouso é um exemplo de autossustentabilidade. Eu nunca busquei um centavo de projeto nenhum de governo estadual e federal.

Primeira lição do Pouso, autossustentabilidade; segunda lição do Pouso, não ter um rei. Não é preciso ter um rei, você tem que ter, eu diria, um líder, um líder sutil em qualquer empreendimento. Morte ao rei! É possível você juntar pessoas com tranquilidade e maturidade e fazer com que elas cresçam.

Nós temos dois exemplos claros aqui de crescimento pessoal, fruto do Pouso também: Edmar Ferreira, estudante de História, negro, pobre, excluído e, com o tempo, foi entendendo aqui no Pouso quais caminhos poderia percorrer. Edmar, simplesmente, ganhou uma bolsa da Fundação Ford, hoje é mestre em Cultura Africana. Esse é um exemplo. Então, um dos objetivos do Pouso é tornar prazeroso o crescimento do outro, não como dever. Nós não queremos nenhum tipo de bondade no Pouso, nós queremos investimento permanente nas pessoas. Segundo exemplo, João de Moraes Filho, poeta, me mostrou em 2000 seu livro, que já estava pronto e queria publicar. Eu disse: “Aqui não tem livro de poesia, aqui está muito longe de ser publicado.” Ele recebeu a porrada e entendeu a porrada, e começou a trabalhar e a discutir comigo as novas normas do fazer poético, e João acaba ganhando o Prêmio Braskem de Poesia.

Religiosidade

Na minha visão, ela [a religiosidade] é gerada pela minha incompetência, pela minha ingovernabilidade; eu passo a ter fé, muita fé, muita busca. Quanto mais religião existe, é porque as pessoas estão extremamente perdidas. Quanto mais você clama por Deus, é porque você está f... Quanto mais você clama por Cristo, você está lascado. A Jamaica não é o que é por acaso, a música *reggae*. As pessoas têm uma visão completamente destoante daquilo que é a Jamaica. Os próprios rastafáris brasileiros acham que aquilo é um paraíso, aquilo é um inferno. Há um *apartheid* claro entre ricos e pobres, entre negros e brancos. Bob Marley não clamaria tanto por Deus, se ele não fosse tão infeliz.

Eu diria que o Recôncavo, ele é formado de dois pilares. Essa é uma discussão que eu venho tendo com Pedro Arcanjo, do Dannemann. Ele pode aprofundar isso, ele que provocou isso. Pedro Arcanjo, ele que provocou isso. Acha que o Recôncavo foi e é formado por dois pilares: o pilar da arrogância e o do delírio. A arrogância seriam os primeiros colonizadores, aqueles que mataram cem mil e um tupinambás; depois você tem o coronelismo, você tem uma série de políticos, depois são os prefeitos, os deputados, a oligarquia, os empresários, as igrejas, são de certa forma a arrogância. Para você conviver [com a arrogância] ou combater a arrogância, só se houver um outro pilar. E é aí que existe um outro pilar, o pilar do delírio: samba de roda, candomblé, Universal do Reino de Deus. Esses são os delírios para enfrentar o pilar da arrogância.

Preconceito religioso

Um dos exemplos claros disso [do preconceito] chama-se a Festa da Boa Morte. Se você participar da procissão do enterro de Nossa Senhora, você vai ficar boba. Pouquíssima gente na procissão e a maioria de fora. Vai ver todas as janelas, pelo menos a maioria delas, as janelas todas fechadas; a cidade não participa da Festa da Boa Morte. Há um preconceito muito claro, mas, ao mesmo tempo, há um temor. O que faz a convivência existir, nada mais nada menos, é o temor do seu Deus. Então, se eu sou da Igreja Universal, eu combato o candomblé; eu sou preconceituoso com o candomblé por causa da Universal, por exemplo, mas ao mesmo tempo eu me cago de medo do seu orixá.

Poesia

A minha poesia. Eu acho que já conheci muita coisa com a minha poesia. Primeiro, eu já conheci algo que eu acho teoricamente que é preciso para um poeta: ser conhecido. O que faz um poeta ser conhecido e ser lido na sociedade não é toda sua obra poética, não é. São determinados poemas de alguns poetas. Se você conseguir atingir uma dicção com um poema, exemplos: Vinícius de Moraes, *Poema da fidelidade*; Drummond, *A rosa do povo*; João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*; Pablo Neruda, *Todo el amor*. Se você conseguir ter um poema que universalize você, é óbvio, ninguém segura você como poeta.

O poema que o universaliza

Todo Risco é um poema que, se eu quisesse, teria me feito milionário. Mas eu já falei para você que minha coleção não são moedas. Eu não coleciono moedas, eu coleciono ventos, tempestades, amigos, amores, ex-amores, prazeres... É isso que eu coleciono.

Fotografia

A fotografia surgiu na minha primeira viagem internacional. Eu tinha 20 anos e fui para a Bolívia, fui andar com guerrilheiros. Aí comprei uma câmera Yashica e, a

partir daí, surge o meu prazer pela fotografia. Num país tão exuberante como a Bolívia – eu falo a paisagem –, eu descobri ali mesmo qual seria a minha indicação, a minha dicção fotográfica. Não seria aquela paisagem exuberante, e, quando me perguntam por que eu fotografo mais gente do que paisagem, eu só tenho uma resposta: “gente é que possui todas as paisagens.”

Cultura e Arte no Recôncavo

As pessoas confundem, no Recôncavo, arte e cultura. Acham que cultura é apenas arte, o que é um erro tremendo. A arte é uma das questões culturais da sociedade. Acham que Cachoeira é extraordinária na arte. Cachoeira não quase tem nada de arte, agora tem tudo cultural, uma grande maniçoba, um grande licor e a religiosidade é força cultural.

Não vamos confundir cultura com arte. Você teria aqui em Cachoeira como arte vários expoentes na música popular, com o samba de roda. E nada mais. Você tem três ou quatro representantes pintores de qualidade, três ou quatro, quando você tem, por exemplo, cidades como Vila de Leiva e Barichara, na Colômbia, cento e cinquenta, duzentos pintores. A própria escultura, que poderia ter tomado um caminho diferenciado, ela cada vez mais se enterra, cada vez mais se autoflagela, realizando uma escultura decorativa.

As pessoas acham que criar já as torna artistas e criação é um dos aspectos do objeto de arte. Criação, ideia, revolução, atemporal, é isso que forma um objeto de arte. Já escrevi mais de mil poemas. Talvez que, desses mil poemas, você possa considerar como objeto de arte cinco ou seis poemas, e se isso acontecer estou satisfeito. Criação é uma coisa, arte é outra. Arte está embutida na cultura, então Cachoeira e o Recôncavo são lugares extremamente fortes culturalmente. A melhor definição de cultura, para mim, é que cultura é o que torna [um grupo] diferente [de outro]. Cultura é o diferente e nós somos, em muitos aspectos, diferentes de muitas culturas mundiais. Esta é a grande moeda de Cachoeira. Se nós perdermos essa cultura – e não só a cultura do cal e pedra da arquitetura, mas a cultura dentro das casas –, nós seremos como qualquer um, de qualquer lugar do mundo, e ninguém vai querer nos visitar.

Cachoeira e São Félix mantêm ainda uma identidade. Eu vim para Cachoeira para ampliar a minha baianidade. O que torna universal o poeta é a sua aldeia. Então, eu escolhi Cachoeira como a minha aldeia.

Depoimento concedido a Suzane Pinho Pêpe, Mestre em História da Arte pela Université Catholique de Louvain/Bélgica, graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia, professora de História da Arte da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira (Bahia), 9 de janeiro de 2010